

**A ESCOLA SEDUZ A CRIANÇA?  
UM ESTUDO DE CASO REALIZADO COM ALUNOS DE 1º SÉRIE DE TRÊS  
ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO. <sup>1</sup>**

**A SCHOOL SEDUZ A CHILD?  
A CASE STUDY OF STUDENTS PERFORMED WITH 1 st SERIES OF THREE  
PUBLIC SCHOOLS THE NETWORK OF TOWN FOR PORTO VELHO. 1**

Cláudia Eugênia Rodrigues de Medeiros Leite <sup>2</sup>

*Lutar pela alegria na escola é uma forma de lutar  
pela mudança do mundo*

*(Paulo Freire Apud Snyders 1993, p.10)*

**RESUMO:** Este artigo tem o propósito de apresentar respostas ao questionamento que o intitula, sendo seu foco a verificação quanto à dinamicidade das escolas públicas pesquisadas em seduzir seus alunos no processo educacional na 1ª série do Ensino Fundamental. A pesquisa buscou identificar, na prática pedagógica do professor, os momentos em que a escola seduz a criança a aprender, assim como o envolvimento da equipe pedagógica e gestora quanto às estratégias de apoio oferecido ao professor. A partir dos discursos desses agentes e da revisão teórica sobre o universo infantil, pudemos conhecer as fragilidades e potencialidades intrínsecas, nessas escolas, para efetivar-se o processo de ensino-aprendizagem de seus alunos.

**Palavras-Chaves:** Escola. Sedução. Alegria. Aprendizagem. Dialética

**ABSTRACT:** This article has the purpose of present answers to the questioning that titles it. It focuses on the checking of the dynamicity of the public school in seducing their students in the educational process during the first year of the initial grades of the Ensino Fundamental. The survey searched to identify, in pedagogic practice of the teacher, moments in which seduce the children to learn, as the embracing of the pedagogic team as well as the strategies of support offered by the school to the teacher, From the speech of these agents and from the theoretical review about the childish universe, we could certify inherent fragilities and potentialities at the school environment to put into effect the teaching-apprenticeship process of their students.

**Key words:** School. Seduction. Gladness. Learning. Dialectic.

## 1 INTRODUÇÃO

O sentido da palavra “sedução” está de acordo com a definição do Dicionário Aurélio, especificamente quando diz: “Atração, encantamento, fascínio,” em que a atração pelo conhecimento se dá pela curiosidade característica do mundo infantil, que é o encantamento pela própria descoberta e o fascínio pelo modo como o professor conduz o aluno pelos difíceis caminhos do conhecimento e crescimento intelectual.

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir da Monografia apresentada à Faculdade de Porto Velho, como requisito final para obtenção da graduação em Pedagogia, Habilitação em Magistério dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Gestão Educacional sob orientação do Prof. Especialista Wagner Cândido.

<sup>2</sup> Formada em Pedagogia, pela Faculdade de Porto Velho – FIP e Especialista em Metodologia do Ensino Superior

A reflexão sobre a sedução no processo de aprendizagem da criança é provocada por Rubem Alves (1990, p.161), o qual traz de forma poética um importante alerta sobre aquilo que não estamos oferecendo à infância de nossas crianças: alegria. Ele diz: “Nunca ouvi ninguém que dissesse: O que a gente deseja mesmo é que as crianças estejam se divertindo e possam vir a ser um pouquinho mais felizes... Que coisas mais importantes haverá que o brinquedo e a beleza?...”

A resposta é clara, se ainda não temos as receitas prontas, temos as crianças: pequenos vasos floridos de sabedoria, que diariamente nos ensinam lições de alegria, liberdade, afeto, simplicidade, e que a todo instante nos lembram como é gostoso brincar de faz-de-conta. Estamos observando ou re-elaborando essas lições em nosso planejamento diário?

Snyders (1993, p. 36) irá abordar a mesma questão, “escola feliz”, por um outro ângulo, mostrando que a escola “deverá se preocupar bem mais com a satisfação de seus adeptos”, esclarecendo que “vivemos num mundo onde a procura da alegria, aparece como um dos valores mais confessáveis, às vezes, mesmo como um valor dominante...” (idem, p.18), quanto a escola, Snyders (1993, p. 40) afirma: “se a escola atraiu e continua a atrair tantas críticas, é porque está profundamente viciada e sua renovação é uma tarefa urgente”.

Os educadores, que se dispuserem a seduzir esses pequenos vasos coloridos na direção do conhecimento, poderão melhor conduzi-los se tiverem como protagonistas as próprias crianças, por serem elas, as principais indicadoras da prática adequada ao perfil de cada uma.

O método utilizado na pesquisa foi pela abordagem qualitativa, inspirada pelas técnicas tradicionalmente associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, em que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo afetada por ela, fundamentada no enfoque fenomenológico por constituir-se em etapas de compreensão e interpretação do fenômeno que poderá ser analisado e visto sob nova interpretação, partindo da compreensão – não de definições ou conceitos – mas da compreensão que orienta a atenção para aquilo que se vai investigar, comportando ainda um enfoque dialético para a análise da pesquisa.

## **2 O DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA E O PENSAMENTO DA CRIANÇA**

O conhecimento do processo de aprendizagem da criança é fundamental para que o educador possa estimular o desenvolvimento da aprendizagem da criança durante sua vida escolar, para tanto é importante buscar, entre as teorias do desenvolvimento, ícones que subsidiem de modo assertivo a direção que devemos conduzir nossa prática pedagógica.

Piaget, em sua Teoria dos Estágios (Coll, 2000), descreve as etapas representativas de crianças de diferentes idades, demonstrando a construção efetiva do pensamento racional e proporcionando, com esse trabalho, as bases de um modelo evolutivo das aptidões intelectuais, isto é, das capacidades de raciocínio do ser humano ao longo de sua vida.

Ao se referir à Teoria dos Estágios, Coll (2000, p.253) afirma que “Piaget oferece um instrumento muito tentador para a prática educativa, porém perigosa” e explica:

Tentador porque permite situar um aluno, de acordo com o seu estágio de desenvolvimento, em certo nível de competência e apreciar o que é capaz ou incapaz de fazer e aprender. Nesse sentido, pode servir para delinear programas e tarefas escolares e para analisar as aprendizagens da aula. Porém, também é um instrumento perigoso, pois oferece somente indicações de uma capacidade cognitiva geral que nem sempre tem repercussões em aprendizagens específicas.

Mesmo porque, essas aprendizagens se caracterizam num contexto em que “o desenvolvimento pessoal é o processo mediante o qual o ser humano faz sua a cultura do grupo social a que pertence” (COLL, 1994, p. 123) o que nos leva a inferir que devemos estar atentos não só às questões das estruturas internas, mas também para as questões vinculadas às experiências educacionais.

A teoria sócio-cultural, segundo Coll (2000), reúne um conjunto de autores e de propostas no âmbito psicológico que se inspiram nas idéias sobre o caráter social e culturalmente mediado dos processos psicológicos mais característicos dos seres humanos; idéias desenvolvidas nas décadas de 20 e 30 pelo psicólogo russo Lev Simorovich Vigotsky.

Segundo Coll (1994, p. 92-3), “Vigotsky propôs o conceito de zona de desenvolvimento proximal para explicar a defasagem existente entre a resolução individual e social de problemas e tarefas cognitivas”. Assim a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) é “a diferença entre o nível das tarefas realizáveis com a ajuda dos adultos e o nível das tarefas que podem ser realizadas com uma atividade independente” (VYGOTSKY *apud* COLL 1994, p.93).

Coll (2000) faz uma importante colocação: a relação entre os dois níveis da zona de desenvolvimento proximal é complexa e dialética, pois o nível de desenvolvimento real condiciona o nível de desenvolvimento potencial que, dependente de ajuda do outro na interação, irá tornar-se eventualmente, de acordo com a lei de dupla formação – desenvolvimento real.

Desse modo, buscamos em Gadotti (2000, p. 38) uma definição de dialética que possibilite uma compreensão ampliada da afirmação de Coll: “A dialética opõe-se necessariamente ao dogmatismo, ao reducionismo, portanto é sempre aberta, inacabada, superando-se constantemente,” ou seja, a relação entre os níveis é dialética porque a aprendizagem, ao trilhar as etapas do conhecimento existente entre eles, não se cristaliza, mas reestrutura-se de forma contínua em direção ao novo a partir da realidade.

Uma metodologia na perspectiva dialética, segundo Vasconcelos (1990, p. 45), “baseia-se numa concepção de homem e de conhecimento onde se entende homem como um ser ativo e de relações”. Portanto, pensando na relação entre os aspectos dialéticos e a prática de sala de aula, o autor compreende que o conhecimento não pode ser transferido ou depositado pelo outro, mas sim construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo, de maneira que o objeto de estudo apresentado seja trabalhado, refletido, reelaborado pelo aluno, e a partir daí, se possa construir um conhecimento real.

Logo, ao considerarmos os fatores, meio social e interação no processo de ensino e aprendizagem, é preciso levar em conta dois pontos que permeiam a prática educativa: primeiro, a habilidade do professor em relacionar-se com o mundo infantil, considerando variantes como: de que modo a criança percebe o mundo a sua volta, que estratégias utiliza para conviver com situações incompreensíveis devido ainda não possuir a completude do

pensamento formal e de que maneira se estabelece a comunicação diante da fantasia intrínseca no faz-de-conta; e, segundo, a capacidade dialógica do professor.

A maneira como a criança percebe o mundo a sua volta é claramente trazida por Benjamin (2002, p.104) que afirma “as crianças formam seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande”, ou seja, no mundo dos adultos. Portanto, complementa o autor:

[...] dever-se-ia ter sempre em vista as normas desse pequeno mundo quando se deseja criar premeditadamente para crianças e não se prefere deixar que a própria atividade - com tudo que é nela requisito e instrumento – encontre em si mesma o caminho até elas, (idem, p.104).

Ao completar sua afirmação, Benjamin (2002), facilita esse entendimento lembrando-nos que a criança desenfeitiça os objetos que lhe atraem a atenção, e Vasconcelos (1990, p.41-2) complementa dizendo que “começamos a conhecer ‘deformando’ o objeto, adaptando-o aos nossos esquemas mentais representativos”.

Diante da diversidade de interesses despertados na criança a partir de sua maneira própria de perceber o mundo, a escola, utilizando esse mesmo jogo de descobrir as coisas brincando, poderá explorar igualmente os conhecimentos reais que seus alunos elaboraram a partir das soluções encontradas para decifrar os enigmas, confrontando-os com suas análises e conclusões.

Esse contexto torna-se favorável para a instauração de desequilíbrios que gerem novas curiosidades e, portanto, novos e intrigantes interesses que criem ainda mais enigmas. Porém, agora, a solução deverá ser conduzida pedagogicamente numa direção do saber escolar, a fim de elaborar a aprendizagem a partir dos conhecimentos reais da criança.

Assim, a escola passa a atender sua criança, considerando um importante dever entre suas competências, que segundo Vasconcelos (1996, p. 65) é de:

[...] buscar o vínculo com as representações que o sujeito tem, com sua prática, suas necessidades, interesses, representações, valores, experiências, expectativas, problemas que colocam, etc., como forma de ter pontos de articulação com o conhecimento a ser construído.

Desse modo, o autor confirma nossas preocupações de planejar-se e apresentar uma prática pedagógica fundamentada naquilo que é interessante para a criança e, ao mesmo tempo, levando em conta o contexto em que seu conhecimento real é elaborado. Porém, a escola precisa adotar uma comunicação que produza o efeito desejado, que é de atrair a atenção da criança no processo de ensino-aprendizagem.

O estabelecimento de uma comunicação significativa entre educadores e crianças, deve privilegiar a dialogicidade contida em Paulo Freire (1987, p. 81), o qual nos oferece uma verdadeira opção para o diálogo, quando afirma: “Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia.”

Assim a escola que deseje adotar uma comunicação proveitosa entre as diferentes dimensões de uma mesma realidade, ou seja, aquela que deve acontecer entre o mundo da criança e o mundo adulto, poderá fundamentar-se na argumentação de Freire (idem, p.81) “Seria uma contradição se amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não promovesse este clima de confiança entre os sujeitos.”

Assim, para Freire, “a confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo. Se falha esta confiança, é que falharam as condições” (1987, p. 82), pois a confiança, afirma o autor, “implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções” (1987, p. 82).

Desse modo, respaldamos nossa escolha por um método dialógico na afirmação de Gadotti (2000, p.149) que diz: “a pedagogia dialética da educação, sustenta que a formação do homem se dá pela elevação da consciência coletiva realizada concretamente no processo de trabalho (interação) que cria o próprio homem”. /

Nesse sentido, temos as ferramentas necessárias para a concretização de uma educação que prioriza o respeito, o compromisso, a empatia, a

afetividade, as teorias e o que nelas tem de melhor, sem esquecer da magia do mundo infantil e do comprometimento de seduzir a criança nos caminhos do conhecimento.

### **3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Esta pesquisa foi realizada em três Escolas Públicas de Ensino Fundamental no Município de Porto Velho, no período março e abril de 2005, especificamente em salas de aula de 1ª série. As escolas pesquisadas, e aqui identificadas como Escolas “A”, “B”, e “C”, foram escolhidas propositalmente a partir de sua localização, por ser esse um fator considerável para compreensão do cotidiano escolar, sob diferentes aspectos intrínsecos nas particularidades de cada uma das realidades vivenciadas.

Na pesquisa observamos a prática pedagógica considerando: metodologia, conteúdo e motivação, sendo essa última analisada na linguagem utilizada pelo professor; investigamos as relações entre as equipes gestora e pedagógica nos processos educativos e o próprio aluno, quanto a suas opiniões e expectativas a respeito da escola, buscando na “comparação dos discursos” dos grupos pesquisados, a resposta para a questão posta: as escolas pesquisadas seduzem a criança?

A Escola “A” está localizada em um bairro central de classe média, possui em seu entorno várias instituições públicas. Descrevemos suas principais características como sendo uma escola de pequeno porte, na qual a maioria de seus alunos é morador da periferia, seu prédio é antigo, mas aparenta bom estado de conservação, as salas de aula têm mesas e cadeiras em bom estado, quadro branco, armário, e ventiladores de teto, possuem quatro Projetos Pedagógicos em andamento, e um Projeto de Leitura, previsto para iniciar com brevidade. Assim, os quatro Projetos exploram respectivamente: as áreas de cidadania; interdisciplinaridade; combate às drogas e entretenimento para as crianças durante o recreio.

Na observação em sala de aula constatou-se que a prática pedagógica da professora é permeada por princípios construtivistas, quando utiliza elementos lúdicos para efetivar o processo de aprendizagem, explorando de

forma criativa o processo de reflexão da criança, a partir de pistas sobre o objeto de estudo.

Na escola “A”, o constante barulho no corredor faz com que professora aumente o tom de voz durante as aulas. Esse fator prejudica o diálogo e os vínculos de confiança que poderiam ocorrer por meio da linguagem, se enfraquecem, pois, segundo Freire (1987, p, 81), “ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia”.

Os índices escolares coletados correspondem ao período de 2002, 2003 e 2004. No cômputo dos dados, acreditamos que existe uma significativa diferença entre o número de alunos aprovados e o número de alunos reprovados, nos anos de 2002 e 2003, porém no último ano os dados apresentam uma sensível recuperação, indicando a melhoria do índice de aprovação como podemos verificar na tabela abaixo:

Ano Letivo	Aprovação	Reprovação	Transferências	Desistências
2004	74,2%	17,14%	2,8%	5,7%
2003	50%	28,1%	12,5%	9,3%
2002	54,5%	21,2%	9,0%	15,1%

TABELA 1 – Ensino Fundamental 1ª série – Escola A

A Escola “B” está localizada em um bairro residencial de classe média, delimita-se ao norte com um bairro periférico e ao sul com um bairro próximo ao centro comercial antigo da cidade, no seu entorno existem poucas instituições públicas.

É uma escola de pequeno porte, acolhe alunos moradores do próprio bairro e adjacentes, sendo desses últimos mais da metade de sua clientela. O prédio é antigo, mas conservado, suas salas de aula são: espaçosas, bem iluminadas, têm quadro branco, armário, ventiladores de teto e, ainda, mesas e cadeiras em bom estado.

Os Projetos Pedagógicos da Escola “B” valorizam a efetivação de ações em que as crianças tomam o lugar dos agentes, favorecendo a convivência e o fazer. Estavam em andamento oito Projetos, entre eles, destacamos o que valoriza as datas comemorativas, pela capacidade de articular interdisciplinaridade e temas transversais.

Por meio dos temas trazidos nesse Projeto as professoras trabalham, durante as aulas e na acolhida diária da criança, estratégias de socialização e interação com o público, envolvendo e motivando para o conhecimento, autonomia e autoconfiança.

Em maio, a Escola realiza um projeto para integrar a família e escola, com apresentações, gincana, bingo de cestas básicas e homenagens para as famílias. Em seguida, acontece o Projeto de Festas Juninas, que prioriza ações de promoção à cultura local e a integração escola/comunidade.

A escola “B” incentiva práticas esportivas, por meio de um projeto que organiza torneios anuais internos. Outro projeto, não menos estimulante, é o que organiza apresentações dos alunos interessados em compartilhar conhecimentos, apresentando no último mês letivo, as atividades que mais gostaram durante o ano.

As crianças com dificuldades na aprendizagem são atendidas pelo projeto de aulas de reforço. No mês de outubro é realizado um projeto que organiza brincadeiras na semana em que se comemora o dia da criança, utilizando a ludicidade como instrumento pedagógico para fortalecer os laços dos alunos com a escola.

Uma iniciativa de trabalhar-se valores, foi bem recebida pela escola, por meio de um Projeto em parceria com a Igreja, e segundo a orientadora, sem tendência religiosa que tem envolvido as crianças num processo reflexivo, quanto a sua formação de modo bastante positivo.

Há um Projeto que, apesar de não estar completamente sistematizado no período da pesquisa, já havia realizado sua primeira etapa, a que empossou os líderes de classe, vice-líderes e seus respectivos substitutos, na sala de orientação, quando os alunos receberam uma agenda contendo os primeiros documentos como: a ata de posse, um texto para leitura dinâmica sobre a liderança, a lista de atribuições, a pauta de reunião e a agenda.

A escola “B” destaca a capacitação de seus professores, intensificada desde 2001, quando aderiu ao Projeto de Educação Continuada do Governo, tendo participado do Gestar (Gestão da Aprendizagem Escolar) (2001/2002), Pró-gestão (Curso de capacitação à distância para gestores escolares) (2002), PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) (2003) com a participação de todos os agentes e ainda o PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores) (2ª turma) iniciado em Agosto de 2004.

No cômputo dos dados coletados, os indicadores de uma das turmas de 1ª série, revela dois momentos diferentes no decorrer do último triênio. O primeiro fator revela aumento no índice de transferências no ano de 2004, originado pelo despreparo da escola para a inclusão de alunos com necessidades especiais, fator que motivou os pais a transferirem seus filhos antes do término do ano letivo.

A supervisora ressalta que, durante esse mesmo período, a fim de atender seus alunos inclusivos, a escola elaborou um Projeto com o intuito de capacitar os professores, em que pode ser oferecido um curso de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), por professora especializada e de forma voluntária.

O segundo fator que contribui para o aumento deste indicador foi a mudança de algumas famílias de alunos que eram moradores de uma área de risco, à beira de barrancos.

Ano Letivo	Aprovação	Reprovação	Transferências	Desistências
2004	57,1%	10,7%	25%	7,1%
2003	75,4%	12,2%	3,5%	8,7%
2002	59,2%	18,5%	11,1%	11,1%

TABELA 2 – Ensino Fundamental 1ª série – Escola “B”

A Escola “C” desenvolve três Projetos Pedagógicos, o primeiro traz atividades lúdicas oferecidas na semana da criança; o segundo explora o Folclore Brasileiro, privilegiando atividades para desenvolver os alunos de forma integral, e o terceiro organiza estratégias para motivar o hábito da leitura nos seus alunos e propicia a vivência de várias situações de estudo e de interação com os colegas e com outras classes da escola.

No cômputo dos dados da escola “C”, os indicadores mostram que existe uma significativa melhora nos índices de Aprovação; redução nos índices de transferência e desistência, mantendo, porém o índice de reprovação, como podemos verificar na tabela e na representação gráfica que compara os resultados conjuntamente.

Ano Letivo	Aprovação	Reprovação	Transferências	Desistências
2004	72,2%	13,8%	5,5%	8,3%
2003	59,4%	13,5%	13,5%	13,5%
2002	68,5%	17,1%	2,8%	11,4%

TABELA 3 – Ensino Fundamental 1ª série – Escola “C”

Destacamos a fala da supervisora, quando em sua entrevista afirma que:

“O projeto Político Pedagógico, concluído em 2003, foi um marco importante para a equipe pedagógica, pois, após o trabalho para a elaboração do projeto pelas equipes pedagógicas e gestoras, o desempenho dos profissionais envolvidos, obteve um salto qualitativo bastante significativo.”

Acreditamos que, fatores como esses, são muito relevantes, quando se vive um processo permeado por mudanças estruturais na educação, quando as decisões dos agentes numa dimensão política e pedagógica passam a modificar de forma positiva os resultados de uma escola mergulhada num contexto de dificuldades diversas.

Nesse caso temos em 2004 um índice de aprovação superior ao apresentado em 2002/2003, quando ainda não haviam sido implementadas as ações previstas na elaboração do Projeto Político Pedagógico, mostrando, dessa forma, os resultados desse “salto qualitativo” observado pela supervisora.

As entrevistas serão parcialmente apresentadas, priorizando-se as questões que melhor atendem o objetivo da pesquisa. Nosso primeiro contato

na escola foi com as gestoras do qual destacamos os seguintes questionamentos:

<b>Quadro 1 - O que seduz a criança a buscar respostas ?</b>	
Escola "A"	<i>"O laboratório de informática e os passeios."</i>
Escola "B"	<i>"A partir do que os alunos sabem, busca-se o equilíbrio, utilizando diversos recursos."</i>
Escola "C"	<i>"Tudo que é interessante para a criança envolve o lúdico."</i>

Na observação em sala de aula pode-se constatar um trabalho pedagógico coerente com as falas trazidas pelas gestoras, mas a resposta da gestora da Escola "C" expressa com clareza a assertividade de seus princípios como educadora, valorizando no processo de aprendizagem aquilo que é latente na vida infantil e está fundamentado na fala de Benjamin (2002, p.115):

Não serve para nada um amor pedagógico que jamais é levado pela observação da própria vida infantil a abdicar do ímpeto e prazer que sente, na grande maioria dos casos, em corrigir a criança, baseado em presumível superioridade intelectual e moral. Esse amor é sentimental e vão. Mas à observação – e somente aqui começa a educação – toda ação e gesto infantil transforma-se em sinal.

<b>Quadro 2 - Em que momento a escola tem encantado seus alunos ?</b>	
Escola "A"	<i>"...Na aula de educação física, no laboratório de informática, com a TV Escola e com um Projeto que acontece na hora do recreio..."</i>
Escola "B"	<i>"...O momento da acolhida..."</i>
Escola "C"	<i>"...Por meio dos projetos pedagógicos..."</i>

Para a constatação das opiniões formuladas pelas gestoras no Quadro 2, apresentamos as respostas das crianças entrevistadas indicando a confirmação ou não do que foi defendido pelas gestoras. Na Escola "A", a maioria das crianças responde que o algo legal que tinha acontecido na escola foi a Festa da Páscoa, a qual não foi citada pela gestora. Porém, uma das crianças diz que antes de vir para escola, imaginava que ia ter computação,

confirmando a concepção da gestora quanto ao laboratório de informática como algo que encanta.

Nas Escolas “B” e “C” as crianças se referem aos momentos relatados nos projetos pedagógicos informados pelas gestoras, confirmando assim a assertividade das opiniões manifestadas. Destacamos, em especial, as respostas a duas perguntas que confirmam a fala da gestora da escola “C”, sendo a primeira: Gostaria de me contar algo legal que aconteceu na escola? “Teatro da dança do índio e do Sítio do pica-pau amarelo” e a segunda: Antes de estudar você imaginava a escola de que jeito? Ela responde: “...Imaginei que ia ter brincadeira”.

O discurso das gestoras das Escolas “B” e “C” é coerente à fala das crianças e também está de acordo com o observado em sala de aula, momento em que a ação pedagógica mostrou-se exemplar e fundamentada em Ruben Alves (1990, p. 166) quando expressa seu desejo de que as questões sobre o aproveitamento dos vínculos com a realidade da criança e também sua fantasia, sejam efetivadas nos currículos escolares:

...Gostaria [...] que falassem das coisas belas, que ensinassem Física com as estrelas, pipas, os piões e as bolinhas de gude, a Química com a culinária, a biologia com as hortas e os aquários, Política com o jogo de xadrez; [...] Enquanto a sociedade feliz não chega, que haja pelo menos fragmentos de futuro em que a alegria é servida como sacramento, para que as Crianças aprendam que o mundo pode ser diferente [...] e que a escola seja esse espaço onde se servem às nossas crianças os aperitivos do futuro, em direção ao qual os nossos corpos se inclinam e os nossos sonhos voam [...]

O Quadro 3 apresenta o resultado da observação em sala de aula:

<b>Quadro 3 - Método, conteúdo, motivação pela linguagem</b>	
Escola “A”	Método: Permeado por princípios construtivistas Conteúdo: Alfabetização Linguagem: Alguns fatores dificultam o diálogo
Escola “B”	Método: Permeado por princípios construtivistas Conteúdo: alfabetização Linguagem: Acessível, dinâmica, estimula a reflexão.
Escola “C”	Método: Influência do método tradicional, mesclagem de métodos progressistas Conteúdo: Alfabetização Linguagem: Oportuniza vínculos durante a prática

Na Escola “A” a motivação pela linguagem é prejudicada pelo barulho nos corredores, pois a professora aumenta o tom de sua voz. Essa instabilidade na comunicação prejudica os vínculos de confiança que se estabelecem por meio da linguagem. Segundo Freire (1987, p.82) “se falha a confiança, é que falharam as condições”. Ao contrário na Escola “B” e “C” a linguagem utilizada pelas professoras é acolhedora e dinâmica e oferece às crianças uma relação de confiança para a aprendizagem.

O método utilizado pela professora da Escola “C” expressa uma influência no método tradicional, quanto à questão da alfabetização, porém possui elementos em sua prática que a distanciam da teoria pura dessa tendência, como por exemplo, a facilidade de dialogar e conectar-se com o universo de faz-de-conta das crianças, por ser esse um dos elementos que configuram a mesclagem de sua prática com métodos progressistas, em que o aluno é o centro do processo de aprendizagem e não mais o professor e sua retórica.

A entrevista com o professor foi efetivada em seguida à dos gestores. Destacamos do instrumental utilizado, duas questões que favorecem a análise daquilo que, desperta verdadeiramente o interesse da criança ao conhecimento e igualmente o que tem desencantado as crianças em relação à escola e ao estudo na opinião dos professores.

<b>Quadro 4 - O momento de interesse do aluno na prática diária</b>	
Escola “A”	Quando dá assistência individual a eles.
Escola “B”	“ <i>Atividades com recorte, pintura, jogos, histórias, música...</i> ”
Escola “C”	No momento em que conta histórias, durante os desenhos e pinturas.

Para constatar as respostas do Quadro 4, consideramos as opiniões das crianças à questão: A professora é legal? Por quê?

Na Escola “A” nenhuma das respostas das crianças confirma ou faz menção à afirmação da professora. Na Escola “B” uma criança diz: *Ela é legal porque faz graça*, na Escola “C” destacamos a fala de duas crianças: “A professora é bonita”. É legal porque conta historinha “Ela faz tanta brincadeira.”; “Uma ótima professora, porque conta historinha”... faz brincadeira

(pergunto: que brincadeira?) ah, quando faz ensaio, para quando tiver dança no pátio”.

Necessário, se faz, voltar à indagação “estamos observando e re-elaborando essas lições em nosso planejamento diário?” Syneders (1993, p. 40) ao se referir a urgência da mudança na escola aponta uma direção: “procuro uma escola, interessada em ser, no presente, interessante”.

<b>Quadro 5 - Os motivos que desencantam as crianças da escola e do estudo.</b>	
Escola “A”	<i>“A falta de apoio dos pais no sentido de acompanhamento dos filhos em casa, aliado a isso a própria dificuldade que eles enfrentam”.</i>
Escola “B”	<i>“ O professor é a chave principal para essa questão do encantamento ou desencantamento.”</i>
Escola “C”	<i>“É a falta de criatividade do professor”</i>

As falas das professoras das Escolas “B” e “C” foram fundamentadas com um questionamento de Perrenoud (2000, p.38): “Como tornar o conhecimento apaixonante por si mesmo?” Em seguida, ele mesmo responde: “Essa não é somente uma questão de competência, mas de identidade e de projeto pessoal do professor.” Adiante acrescenta: “A competência aqui visada passa pela arte de comunicar-se, seduzir, encorajar, mobilizar, envolvendo-se como pessoa.”

Na entrevista com os pais, a maioria afirma que não ouvem a criança reclamar da escola; quanto ao professor, a maioria elogia e apenas algumas crianças num dado momento elogiam e noutro reclamam do professor. A maioria dos pais foi evasiva, quando perguntados se conheciam o trabalho do professor.

## **CONCLUSÃO**

Os dados coletados em cada uma das etapas da pesquisa foram analisados a partir de um enfoque dialético, o qual, por vezes, revelou de modo sutil as incongruências entre discurso, índices e fatos observados, privilegiado um debruçar-se reflexivo ao apontar onde o problema se fazia oculto.

A solução para os problemas, identificados na escola, passa pela construção de um processo que viabilize a implementação da gestão democrática nas escolas, pois se a escola não tem seduzido seus alunos é porque cada um de seus agentes busca metas diferentes, não se disponibilizando ao diálogo.

O debate necessário entre professores, gestores, pais e sociedade é um processo que implica mudança de paradigmas, porque a civilização evolui incondicionalmente o tempo todo e, nem sempre, conseguimos perceber esses movimentos na sociedade, assim a escola vai distanciando-se cada dia mais da realidade a qual está inserida.

A escola que entender os princípios que regem sua comunidade, suas fragilidades e potencialidades, saberá conduzir a mudança na escola, que é eminente. Portanto, urge a opção por uma educação que seduza as crianças pela alegria própria da infância, pela curiosidade de encontrar respostas latentes no indivíduo e pelo fascínio que o saber pode exercer sobre o ser humano.

A escola pública que deseje seduzir seus alunos na busca do conhecimento precisa: ser conhecedora do universo infantil, considerando as especificidades de cada etapa do desenvolvimento da criança; deve oferecer a ela uma linguagem inteligível e em especial, conhecer os seus sonhos.

Assim essas crianças aprenderão com o exemplo e não com discursos vazios e, desse modo, certamente chegarão a idade adulta compreendendo melhor seu papel como cidadãos autônomos e como pessoas articuladas e capazes de estar à frente de iniciativas solidárias para a melhoria de vida de sua comunidade.

## REFERÊNCIAS

**ALVES**, Rubem. *Estórias de Quem Gosta de Ensinar: O Fim dos Vestibulares*. Campinas, Papirus:Speculum, 2000.

**ANDRÉ, M. E.D. A.** *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas: Páginas: Papirus, 1995.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 1 (2): 139 - 155, jul./dez.,2008.

**BENJAMIN**, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação/ Walter Benjamin*; tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari; posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo; Duas Cidades; Ed. 34, 2002 (coleção Espírito Crítico).

**COLL**, César. *Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento/ César Coll*; trad. Emília de Oliveira Dihel – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

\_\_\_\_\_ *Psicologia do Ensino / César Coll Salvador [et.al] trad. Cristina M<sup>a</sup> de Oliveira – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.*

**FREIRE**, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17<sup>a</sup> Edição. Rio De Janeiro, Paz e Terra, 1987.

**GADOTTI**, Moacir. *Concepção Dialética da Educação – um estudo introdutório*. São Paulo: Cortez, 1996.

**PERRENOUD**, Philippe. *10 Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

**SNYDERS**, Georges. *Alunos Felizes: Reflexão Sobre a Alegria na Escola a Partir de Textos Literários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

**VASCONCELOS**, Celso dos S. *Construção do Conhecimento em Sala de Aula*. Cadernos Pedagógicos do Libertad-2, 1996.

**FERREIRA**, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nov.